

CAPÍTULO XXVII

A covardia é mãe da crueldade

Ouvi dizer muitas vezes que a covardia é mãe da crueldade e observei por experiência como uma falsa e perversa coragem, impregnada de maus sentimentos e de inumanidade, se une a certa fraqueza de alma bem feminina. Vi gente cruel ter a lágrima fácil a propósito de coisas insignificantes.

Alexandre, tirano de Feres, não podia assistir, no teatro, à representação de tragédias, de medo que seus súditos o vissem enternecer-se com as desgraças de Hécuba ou Andrômaca, ele que impietosamente mandava todos os dias torturar tanta gente com requintes de crueldade. Não será por pusilanimidade que esses indivíduos passam assim de um extremo a outro? A valentia, que se exerce somente contra o que lhe resiste, “só se compraz em imolar um touro quando este se defende⁴⁸⁸”, susta o golpe se vê o inimigo à sua mercê; mas a pusilanimidade, não tendo figurado neste primeiro ato e querendo participar da festa, entra em cena no segundo, o do massacre e do sangue. As carnificinas que se seguem às vitórias são obra em geral das massas inconscientes e dos que se ocupam das bagagens; e o que faz que presenciemos tantas e incríveis crueldades nas guerras de que participa o povo é o fato de a canalha, acostumada ao assassinio, se tornar cruel pelo hábito de chafurdar no sangue e esquartejar cadáveres a seus pés, não tendo outra concepção de valentia: “o lobo, o urso, os animais menos nobres encarniçam-se contra os agonizantes⁴⁸⁹”; assim os cães poltrões rasgam com os dentes, em casa, as peles dos animais selvagens que não ousariam atacar em pleno campo. Por que em nossa época as disputas sempre acarretam a morte? Por que começamos pelo fim, quando nossos pais dosavam suas vinganças? Já de início só falamos em matar. Que significa isso se não medo?

Ninguém ignora que há mais bravura em vencer o inimigo do que em o exterminar; mais em forçar a ceder do que em o matar. Ade-

mais, nossa vingança é assim bem mais completa, pois seu objetivo é sobretudo provocar o ressentimento do inimigo; por isso mesmo não atacamos um bicho ou uma pedra que nos ferem, incapazes que são de compreender um revide. Ora, matar um homem é pô-lo a salvo de nossas ofensas. Daí a observação de Bias a um indivíduo mau: “sei que mais cedo ou mais tarde pagarás, mas receio não o ver”; e tinha pena dos habitantes de Orcômeno por se verificar tarde demais a punição do traidor Licisco, pois já não havia então nenhum sobrevivente interessado em assistir ao castigo. Lamentável é a vingança quando privada dos meios de fazer sofrer a vítima e alegrar o vingador. “Há de arrepender-se”, dizemos, mas uma bala de pistola na cabeça fará que se arrependa? Ao contrário, como que nos desafia, caindo; nem mesmo nos censura o gesto, o que está longe do arrependimento. Prestamos-lhe em suma o melhor serviço, o de uma morte rápida e indolor. Temos de nos esconder, fugir à justiça, enquanto ele descansa. Matá-lo impede apenas que nos ofenda de novo no futuro, mas não nos vinga da ofensa recebida; há nisso mais temor que bravura, mais previdência que vontade de castigar. É evidente que assim renunciemos ao fim real da vingança e prejudicamos nossa reputação; demonstramos tão-somente o receio de que, vivo, renove o insulto. Não é contra ele que agimos, é em nosso benefício.

No reino de Narsinga, essa maneira de agir não nos seria de nenhuma utilidade. Nesse país os homens de guerra e os artesãos resolvem suas divergências a golpes de espada. O rei não recusa a ninguém o direito de se bater; assiste mesmo aos duelos quando ocorrem entre pessoas de certa condição social, oferecendo uma corrente de ouro ao vencedor. Mas quem quer que ambicione a corrente pode medir-se com o dono, de modo que este, por ter vencido de uma feita, vê aumentar o número de seus contendores.

Se imaginássemos ser sempre superiores ao inimigo em coragem e poder maltratá-lo à vontade, lamentaríamos imenso que nos escapasse

⁴⁸⁸ Cláudio.

⁴⁸⁹ Ovídio.

como o faz morrendo. Queremos vencer, mas antes com a certeza do êxito do que de um modo honroso; buscamos o resultado e não a glória.

Asínio Pólio cometeu erro semelhante, pouco desculpável em um homem de honra. Escrevera uma diatribe contra Planco e aguardava a morte deste para a publicar. Em vez de correr o risco do ressentimento que ia provocar, era como se desafiasse um cego com gestos indecorosos ou um surdo com palavras ofensivas, ou ainda como se violentasse uma pessoa desfalçada. Daí lhe dizerem que "cabia aos gnomos lutar contra os mortos". Quem aguarda a morte de um autor para criticar-lhe a obra demonstra que é fraco e vil. Comunicaram a Aristóteles que alguém falara mal dele: "Que faça mais ainda, respondeu, que me açoite conquanto eu não esteja presente."

Nossos pais contentavam-se com responder à injúria com um desmentido, e a um desmentido com pancadas, e assim por diante; eram bastante valentes para não temer o adversário vivo; nós, trememos de pavor enquanto o vemos em pé. Nossa conduta atual leva-nos a buscar a morte de quem ofendemos da mesma forma que buscamos a de quem nos ofende. Igualmente, por covardia, introduzimos o hábito de nos fazer acompanhar de dois, três e até quatro companheiros. Outrora tais encontros eram duelos, hoje são verdadeiras batalhas. Quem primeiro inventou esse método, receava ficar entregue a si mesmo: "todos desconfiavam de si" e, em verdade, diante do perigo a companhia reconforta e encoraja. Outrora, só se recorria a terceiros como testemunhas de que não haveria atos de deslealdade, mas pouco a pouco tornou-se comum participarem do duelo as testemunhas, pois quem é convidado não pode decentemente permanecer simples espectador, de medo que o tachem de covarde ou insensível. Além do que há de iníquo e desonesto em pedir auxílio para defender a própria honra, e apoiar-se na força e na desteridade de outrem, acho desvantajoso para um homem de bem, e seguro de si, ligar sua sorte à de outros. Já corre cada qual riscos suficientes por si mesmo, sem que os precise correr por outros; e já tem bastante trabalho para assegurar sua própria coragem na defesa de sua vida sem arriscar coisa de tão grande valor em benefício de terceiros. Pois, efetivamente, a menos de se haver convencionado regra diversa, no caso de se eliminar um segundo, achamo-nos com dois adversários pela frente. É evidente que se trata de um abuso, como o será atacar com espada perfeita a quem só tenha um pedaço da sua, ou alguém intato jogar-se contra um ferido; mas se tais

vantagens são obtidas em combate, lícitas se fazem. A disparidade e a desigualdade somente antes do duelo são objeto de ponderação; quanto ao resto, há que confiar na sorte; se somos três contra três, ou se dois companheiros morrem e os três adversários se unem contra o último, não há como protestar, do mesmo modo que na guerra não cabe protesto contra quem auxilia o companheiro atacando o adversário com o qual se degladia.

Quando grupos se enfrentam como ocorreu quando o Duque de Orléans desafiou o rei da Inglaterra propondo-lhe que lutassem cem contra cem; ou como fizeram os argianos em número de trezentos contra trezentos lacedemônios; ou ainda os três Horácios contra os três Curiácios, considera-se o conjunto do grupo como um só homem, e onde quer que ajam coletivamente, imprevisíveis são as probabilidades, imputando-se ao acaso, em grande parte, o resultado.

Tenho exemplos domésticos de semelhantes casos. Meu irmão, Sr. de Matecoulon, foi convidado em Roma a servir de segundo a um fidalgo que não conhecia e fora desafiado por outro. E aconteceu-lhe ter que se defrontar com alguém que era seu vizinho e que ele conhecia melhor. Quisera que se condenassem tais leis de honra que tão amiúde vão de encontro à razão! Depois de liquidar seu adversário, teve meu irmão que correr em auxílio do companheiro, o que não podia deixar de fazer, pois como ficaria impassível enquanto o combate continuava indeciso? De que houvera servido sua colaboração? A cortesia que cumpre demonstrar ao adversário em má situação, não há como levar em conta quando se é o segundo de outra pessoa, pois fora injusto então abandoná-la. E meu irmão só se livrou da prisão na Itália graças a uma imediata e calorosa intervenção de nosso monarca. Estranho povo, o nosso! Não nos contentamos com a reputação que se espalha pelo mundo, de nossos vícios e loucuras, vamos ainda comprová-la no estrangeiro. Coloquem-se três franceses no Deserto da Líbia, não passará um mês sem que se ponham a brigar. Dir-se-ia que essas viagens longínquas fazem parte de um plano concebido para dar aos estrangeiros o espetáculo de nossas tragédias e um pretexto para que zombem de nós. Vamos aprender a esgrima na Itália e a pomos em prática com perigo de vida antes de saber lidar com uma espada, quando deveríamos primeiramente conhecer a teoria: "Miseras primícias de uma coragem juvenil, funesto aprendizado de uma guerra iminente"⁴⁹⁰.

⁴⁹⁰ Virgílio.

Bem sei que se trata de uma arte muito útil em seu objetivo. Tito Lívio conta-nos que na Espanha, em um duelo entre dois príncipes, o mais velho, com sua habilidade e técnica, venceu facilmente o mais jovem, muito mais vigoroso. É uma arte que, como observei, amplia a valentia de alguns, mas não se poderá taxá-la de coragem, porquanto decorre da destreza e não é uma qualidade em si. A honra no combate consiste em apelar para o caráter e não para a habilidade. Por isso um de meus amigos, muito forte na esgrima, escolhia, quando tinha que defender a honra, as armas que não lhe dessem vantagem, pois não queria que atribuissem sua vitória à sua superioridade mais do que ao seu valor real. Na minha infância a nobreza considerava degradante a reputação de perito em tal arte. Esta só se exercia, aliás, às escondidas, como ofício de duvidosa lealdade, mal adequado à coragem verdadeira e natural: “Não querem esquivar, nem bloquear, nem recuar; a destreza não conta; não há fintas, golpes retos ou oblíquos; sua cólera não tolera a arte. Escutai o choque terrível das espadas, ferro contra ferro; não recuam um só passo, seus pés permanecem imóveis e suas mãos não param nunca: golpes de ponta certos, e de lâmina em cheio⁴⁹¹.”

Os exercícios de arcabuzes e de arco, os torneios, as justas e as batalhas simuladas constituíam o passatempo de nossos pais; o da esgrima é tanto menos nobre quanto visa apenas a um objetivo individual e ensina a matarmo-nos em desobediência às leis e à justiça. Por isso, de todos os pontos de vista é desastroso. Mais digno e melhor seria praticar os exercícios suscetíveis de assegurar a execução da lei e salvaguardar a nossa independência e a nossa glória.

O Cônsul Públio Rútilo foi o primeiro a ensinar o soldado a manejar suas armas com habilidade e ciência; juntou assim a arte à coragem, não em vista de dissensões pessoais mas com o fim de defender o povo romano. Era pois uma esgrima popular e civil. Além do exemplo de César, recomendando aos seus que ferissem principalmente no rosto os soldados de Pompeu, numerosos outros chefes introduziram, segundo as necessidades do momento, modificações nas formas das armas e no modo de empregá-las na defesa e no ataque.

Filopêmen proibiu a luta, exercício em que era excelente, porque o necessário treinamento era incompatível com os princípios da disciplina militar, pelos quais, a seu ver, deviam ser formados os homens de honra e nos quais

cumpria que empregassem o seu tempo. Parece-me também que essa desteridade que se procura dar ao corpo, na nova escola, essas fintas, paradas e respostas, em lugar de úteis, são prejudiciais na guerra. Verifiquei mesmo que não se achava conveniente que um jovem desafiado para um duelo de espada e punhal se apresentasse em costume de guerra, como inconveniente seria que se propusesse bater-se de capa e espada. E de se notar que Lachez, em *Platão*, referindo-se ao ensino da esgrima tal qual o praticamos, diz nunca ter visto essa escola produzir um grande homem de guerra, e que o eram menos ainda os mestres, o que nossa experiência confirma. Aliás não há nenhuma relação entre talentos de ordem tão diversa. Na educação que Platão prevê para os jovens de sua República, proíbe os exercícios de pugilismo, introduzidos por Âmico e Epeu, bem como os de luta, que recomendavam Anteu e Cércion, pois achava que não tornavam a juventude apta para o combate. Eis-me, porém, longe de meu assunto.

O Imperador Maurício, advertido por sonhos e prognósticos que um certo Focas, soldado desconhecido, deveria assassiná-lo, indagou de seu genro Filipe quem era esse indivíduo. Tendo-lhe respondido Filipe, entre outras coisas, que se tratava de um pusilânime e um covarde, deduziu o imperador que devia ter inclinação para o crime e a crueldade.

O que torna os tiranos tão sanguinários é a preocupação com a própria segurança. A covardia que trazem no coração não lhes sugere outras medidas de salvaguarda senão exterminar os que os podem ofender, mulheres inclusive, incapazes de um arranhão: “tudo abate porque tudo teme⁴⁹²”. As primeiras crueldades cometem-se espontaneamente; delas nasce o temor de uma justa vingança, o que provoca toda uma teoria de novas crueldades: Filipe, rei da Macedônia, que tantas dificuldades teve com Roma, sentindo-se inquieto com as numerosas mortes que ordenara e não podendo dominar o medo que lhe inspiravam todas as famílias por ele ofendidas em diversas épocas, resolveu apoderar-se dos filhos de todos os que mandara matar a fim de assegurar sua própria tranquilidade, desfazendo-se deles uns após outros.

Os bons assuntos agitam-se em qualquer lugar. Eu, que mais me preocupo com o alcance e o interesse de meus comentários do que com a ordem e a lógica da apresentação, não hesito em incluir aqui uma bela história, pois, quando valem realmente a pena, arrasto-as até pelos cabelos.

⁴⁹¹ Tasso.

⁴⁹² Cláudio.

Entre as vítimas de Filipe, figurava um tal Heródico, príncipe da Tessália; posteriormente mandara ele executar os dois genros de Heródico, os quais deixaram viúvas Teoxena e Arco, cada qual com uma criança. Teoxena, embora muito solicitada, não quis tornar a casar-se. Arco desposou Pório, muito considerado entre os ênios e do qual teve numerosos filhos, todos pequenos ainda quando veio a falecer. Teoxena, instigada pelo amor maternal que dedicava aos sobrinhos, casou com Pório, a fim de melhor cuidar das crianças. Foi quando se publicou o edito do rei determinando que lhe fossem entregues os filhos dos que condenara. Teoxena, mãe corajosa, desconfiando da crueldade de Filipe, e temerosa das violências de seus apaniguados, ousou declarar que mataria os jovens com suas próprias mãos se forçada a perdê-los. Pório, apavorado com semelhantes palavras, prometeu-lhe raptá-los e levá-los para Atenas onde os deixaria com pessoas de sua confiança. Aproveitando a oportunidade da festa anual que se celebrava em honra de Enéias, assim procedeu. Assistiu durante o dia às cerimônias, tomou parte no banquete público, e, à noite, embarcou em um navio que já se achava pronto para zarpar. Mas os ventos eram desfavoráveis. E, achando-se ainda no dia seguinte à vista das costas, deram-lhe caça os guardas do porto. Estavam sendo quase alcançados e Pório estimulava os marinheiros a se apressarem quando Teoxena, excitada pelo seu amor e seu desejo de vingança, preparou armas e veneno, entregando-os aos jovens e dizendo: “Vamos, meus filhos, a morte é agora o único meio de defender vossa liberdade; os deuses nos julgarão em sua santa justiça; nestas espadas e nestas taças cheias está a vossa liberdade; tende coragem. Tu, filho, que és o mais velho, toma esta lâmina para morreres de morte nobre.” Acossados de um lado por tão intrépida conselheira e do outro pelos inimigos, precipitaram-se eles sobre as armas a seu alcance e semimortos foram jogados ao mar. Teoxena, orgulhosa por ter gloriosamente assegurado a liberdade dos filhos, abraçou então o marido e disse: “Sigamos o mesmo caminho, amigo, escolhamos a mesma sepultura”. E estreitamente unidos mergulharam nas águas, voltando o barco ao porto sem os seus senhores.

Os tiranos esforçavam-se por prolongar a morte que infligiam, com o duplo objetivo de matar o adversário e fazer-lhe sentir os efeitos de sua cólera. Queriam que os inimigos não percessem rapidamente e lhes permitissem saborear a vingança. Era-lhes difícil conseguir, pois as torturas excessivas não duram muito. Se duravam, não lhes pareciam sufi-

cientemente dolorosas. Daí os engenhosos suplícios da antiguidade, alguns dos quais ainda conservamos.

Tudo o que ultrapassa a morte pura e simples se me afigura cruel. Nossa justiça não pode esperar que se amedronte ante a morte pelo fogo ou a tortura, e deixe de cometer crimes, quem os comete apesar da ameaça da força e da decapitação. Ademais, suspeito que estejamos instigando ao desespero aqueles a quem infligimos tais suplícios, pois em que estado de alma pode achar-se um homem que permanece vinte e quatro horas sobre uma roda, membros partidos, ou pregado a uma cruz como outrora? Conta José que, durante as guerras dos romanos na Judéia, deparou em certo lugar com três judeus crucificados; eram seus amigos e conseguiu que os agraciassem ao fim de três dias. Dois morreram.

Calcôndilo, que deixou memórias dignas de fé acerca dos acontecimentos de seu tempo, conta que o Imperador Maomé aplicava não raro esse horrível suplício de cortar os homens em dois com um só golpe de cimitarra dado no meio do corpo, acima das ancas, o que fazia que morressem, por assim dizer, de duas mortes concomitantes. Viam-se os dois pedaços ainda com vida agitarem-se durante muito tempo sob a ação da dor. Não creio entretanto que esse suplício devesse provocar grandes sofrimentos. Nem sempre os mais horríveis são os mais dolorosos e acho muito mais atroz o que, segundo outros historiadores, tiveram de suportar alguns senhores que o mesmo Maomé mandou esfolar vivos, ordenando, com requintes de crueldade, que a operação fosse conduzida de modo a prolongar-se por quinze dias.

Creso mandou prender um fidalgo, favorito de seu irmão Pantaleão, e conduzir a uma oficina de pisoeiro onde foi raspado e escarduçado até morrer. Jorge Sechel, chefe desses camponeses da Polônia que a pretexto de realizar uma cruzada tantos estragos praticaram, foi vencido em um combate pelo voivoda de Transilvânia. Durante três dias permaneceu nu, amarrado a um cavalete e exposto aos torneos que inventavam os espectadores. Enquanto isso, vários outros prisioneiros eram submetidos a rigoroso jejum. Depois do que, e estando ele ainda vivo, deram de beber seu sangue a seu irmão querido, para o qual não cessava Sechel de implorar graça, assumindo toda a responsabilidade dos sucessos. Em seguida, ofereceram sua carne a vinte de seus chefes prediletos, os quais lha arrancaram a dentadas. Finalmente, em morrendo, cozeram-lhe as entranhas e os restos e distribuíram aos seus companheiros.